

**EFEITO DE HUMOR E(M) SUA RELAÇÃO
COM O TERRITÓRIO NORDESTINO NA #ELENÃO:
UMA ANÁLISE DE MEMES NO TWITTER**

Amanda da Silva Duarte (UFMS)

amandasduarte0@gmail.com

Matheus Santos de Araújo (UFMS)

matheus.daraujo0@gmail.com

Elaine de Moraes Santos (UFMS)

proflainemoraes@gmail.com

RESUMO

Devido ao engajamento dos presidenciáveis do ano de 2018 com as redes sociais, as mídias configuraram um terreno fecundo para a disseminação e o embate entre distintos posicionamentos políticos. Entre o não-dito e o enunciado, *correlações de força* (FOUCAULT, 2018) plurais atuaram na tentativa de homogeneizar identidades e fixá-las à determinada ordem discursiva. A polarização se intensificou, sobretudo, após o segundo turno, com a publicação dos mapas eleitorais pelo Tribunal Superior Eleitoral, mecanismo que direcionou o olhar dos brasileiros para o Nordeste e certos pontos do Norte, devido à quebra com as regularidades dos votos, observadas em outros locais do país pelas pesquisas de opinião. Observando, pois, a historicidade do referido evento discursivo, este trabalho tem como objetivo analisar a produção e a circulação de memes no *Twitter* e(m) sua relação com as discussões promovidas pela *#EleNÃO*, quando associada aos nordestinos. Para a leitura do período histórico e do cenário descrito, filiamo-nos aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, em vertente mais alinhada ao pensamento foucaultiano e em diálogo com estudos sobre o humor, tal como proposto por Ávila e Baronas (2015). No rol dos efeitos de sentido mobilizados pelas manifestações dos internautas, os resultados mostram o meme enquanto uma ferramenta argumentativa que mobiliza técnicas discursivas de resistência, fortalecendo a heterogeneidade política e identitária existente no Brasil.

Palavras-chave:

Humor. Identidade. Memes. Eleições de 2018.

ABSTRACT

Due to the engagement of 2018 presidential candidates with social networks, the media has set up a fruitful ground for the dissemination and clash between different political positions. Between the unsaid and the utterance, Force Correlations (FOUCAULT, 2018) plurals worked in an attempt to homogenize identities and attach them to the particular discursive order. The Polarization intensified, especially after the second round, with the publication of electoral maps by the Superior Electoral Court, whose mechanism directed the Brazilians' attention to the Northeast and certain points of the North, due to the breaking with the regularities of votes, recognized in other places in the country by opinion polls. Examining, therefore, the historicity of this discursive event, this work aims to analyze the production and circulation of

memes on Twitter and(in) its relationship with the discussions promoted by the #EleNão, associated with northeasters. To read the historical period and the scenario described, we adhered the theoretical-methodological assumptions of the Discourse Analysis of the French line, in a more aligned aspect to Foucaultian thought and in dialogue with studies on humor, as proposed by Ávila and Baronas (2015). In the list of the sense effects mobilized by the internet users manifestations, the results show the meme as an argumentative tool that mobilizes discursive resistance techniques, strengthening the political and identity heterogeneity existing in Brazil.

Keywords:

Humor. Identity. Memes. 2018 elections.

1. Introdução

“Veja que se não há resistência, não há relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. A partir do momento que o indivíduo está em uma situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de poder.”
(FOUCAULT, 2004, p. 268)

As condições de emergência das eleições de 2018 reclamam nossa atenção em razão de uma nova forma de fazer política, ou seja, daquilo que Sargentini (2019) chama de “mutações do discurso político no Brasil”. A espetacularização da política já vem mobilizando pesquisas de áreas distintas (COURTINE, 2006; RUBIM, 2004; SANTOS, 2014) acerca da forma como se constitui no diálogo com a lógica própria dos veículos midiáticos acionados. Levando em conta o que foi potencializado no pleito de 2018, trata-se olhar para o engajamento dos presidenciáveis com as redes sociais, dado que elas configuram um espaço voltado às trocas rápidas e à fácil disseminação de conteúdos. A partir da epígrafe com que iniciamos esta discussão, concebemos com Foucault (2004) que as relações de poder são fundamentadas pelo funcionamento das resistências. No cenário em questão, ela caracterizou-se pelo embate entre duas Formações Discursivas (doravante FDs) distintas, traduzidas aqui como *hashtags* devido à nossa relação com a mídia social digital: a #EleSim, alinhada à Jair Bolsonaro do PSL (Partido Social Liberal), e a #EleNão, produzida com a junção de diferentes linhas partidárias contrárias ao ainda candidato naquele ano.

Uma das formas de resistência observáveis no período foi a formulação e a circulação de discursividades mais visuais, de leitura rápida e marcadas pelo potencial na produção de efeitos de humor: os chamados

memes. Compreendidos como “[...] uma maneira encontrada pelos usuários de entender o mundo, resignificando as informações que se apresentam em seu cotidiano” (HORTA, 2015, p. 16), tais enunciados, no âmbito da acontecimento do pleito presidencial, são formas discursivas híbridas, emergentes e cujo potencial persuasivo extrapolam o ambiente tecnológico do qual emergem porque, “para muitos leitores, não há mesmo diferença entre um meme de origem duvidosa, uma denúncia anônima no *WhatsApp* e uma reportagem extremamente apurada. Quando um conteúdo vai ao encontro do que acreditam [...] abraçam o argumento e compartilham-no, alimentando tal rede” (SAKAMOTO, 2016, p. 9).

Paralelamente ao complexo feixe de relações advindos da propagação dos memes supracitados, o lugar ocupado pela temática territorial nas condições de possibilidade da disputa presidencial também nos inquietou devido às suas formas de aparição em períodos distintos da história brasileira. Em 2018, a publicação dos resultados dos dois turnos das eleições presidenciais pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e sua repercussão pela mídia jornalística propiciaram a circulação de enunciados como: “Mapa eleitoral do primeiro turno mostra PT ‘cercado’ no Nordeste.”¹⁴⁷, “Haddad ganha no Nordeste; e Bolsonaro, nas demais regiões do país.”¹⁴⁸, e “PT mantém força no Nordeste e Haddad vence em 98,6% das cidades”¹⁴⁹.

Com o resgate das Sequências Enunciativas (SEs) exemplificadas, vemos que os territórios ultrapassaram a sua funcionalidade geográfica e passaram a demarcar, nos corpos votantes ou não, designações políticas de acordo com a região de residência dos indivíduos. Assim, ocupamos da tarefa sugerida por Foucault (1979, p. 155), quando afirma que: “cabe a vocês, que estão diretamente ligados ao que se passa na geografia, que se deparam com todos esses confrontos de poder em que a geografia está envolvida, cabe a vocês enfrentá-los”.

¹⁴⁷ Conteúdo disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes, mapa-eleitoral-do-primeiro-turno-mostra-pt-cercado-no-nordeste,70002538004>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

¹⁴⁸ Como é possível ver em:<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/29/haddad-ganha-no-nordeste-e-bolsonaro-nas-demais-regioes-do-pais.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

¹⁴⁹ Conforme matéria disponibilizada em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/pt-mantem-forca-no-nordeste-haddad-vence-em-986-das-cidades-23194470>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Em meio aos debates incitados pela geografia, situamo-nos em um novo espaço de discursivização, desencadeado pela ordem do digital. Segundo Mendes e Santos (2019, p. 17), “com a velocidade dos acessos e dos compartilhamentos, atentar-se para a fluidez na construção identitária e desestabilizar efeitos de evidência no limite entre o que é público ou privado, seja de um indivíduo ou de uma comunidade, demonstra, a nosso ver, a ousadia de resistir nos tempos atuais”. Resgatando os escritos das autoras, refletimos, portanto, neste exercício analítico, sobre as representações identitárias regionais no/do Brasil e a produção de técnicas de desestabilização dos efeitos de poder na mídia.

Observando os resultados do ainda crescente efeito de polarização política¹⁵⁰ que boletins de urna, pesquisas de intenções de voto e memes veiculados promoveram, no embate entre filiações discursivas de direita e de esquerda, é que objetivamos, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, mais afinada aos pensamentos foucaultianos, problematizar a produção e a circulação de memes no *Twitter* e(m) sua relação com as discussões promovidas pela *#EleNã*o, quando associada aos nordestinos.

Para cumprir nossos objetivos, selecionamos como *corpus* duas Sequências Enunciativas (SE) que enunciam espacialidades com o auxílio do *meme*. Como forma de organização, traçamos, inicialmente, um breve panorama das discussões territoriais no/do/sobre o Brasil e sua passagem para a discursivização midiática. Em seguida, discutimos bases teórico-metodológicas da Análise do Discurso francesa, em conjunto com as especificidades do gênero *meme*, para, por fim, passarmos ao gesto de interpretação das análises.

2. Identidade territorial nas eleições presidenciais de 2018

A questão territorial entrecruza diversos pontos da vida dos habitantes, partindo do pressuposto de que ela se marca na língua, nos corpos, na cultura ou nas relações interpessoais. No nível das estigmatizações sobre o indivíduo marcado pelo território, pensar esse corpo enquanto alvo e efeito do poder, à luz de Foucault, é situá-lo fora de uma lógica universal determinante de que o poder se concentra apenas em uma institui-

¹⁵⁰ No próximo tópico, a polarização como efeito discursivo é discutida, levando-se em conta a existência de outras posições no pleito presidencial de 2018, resultando em um número significativo de votos nulos, brancos e abstenções.

ção. Para o filósofo francês “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto o próprio corpo. [...] Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua” (FOUCAULT, 1979, p. 146). Assim sendo, ao mesmo tempo em que produz representações acerca dos habitantes de outras localidades, o sujeito também pode ser afetado por elas.

Nas eleições presidenciais de 2018, o movimento acima foi desestabilizado discursivamente, principalmente por meio das redes sociais. Consideramos que, no segundo turno, houve um efeito de polarização em decorrência das filiações políticas dos candidatos envolvidos na disputa e do alto índice de votos nulos, brancos e abstenções. Ao final da disputa, segundo dados do TSE, de 104.838.753 votos válidos, 21,30% foram abstenções, 7,43% votos nulos e 2,4% de votos em branco. Em relação aos resultados dos presidentiáveis, Jair Bolsonaro, do PSL, recebeu 55,13% dos votos válidos e Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), atingiu 44,87%.

Os resultados apresentados sistematizam o embate entre FDs antagônicas: Haddad *versus* Bolsonaro. Havia, ainda, quem não se identificasse com nenhum dos dois concorrentes, como foi possível observar nas porcentagens, votantes que participaram de uma via de escape que negava ambas as candidaturas. Por mais que a força do desagrado de alguns eleitores se fizesse presente, o movimento de adesão e defesa dos dois presidentiáveis ficou bastante marcado, especialmente quando se tratava de conquistar ou virar votos a favor de alguém.

Ao final do primeiro e do segundo turno, passaram a circular na mídia jornalística mapas eleitorais elaborados a partir das informações oficiais, como é visível nas figuras 1 e 2, a seguir:

Figura 1: Mapeamento eleitoral do primeiro turno das eleições presidenciais.

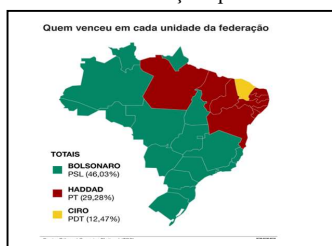
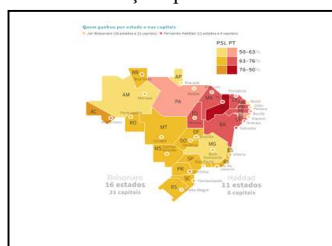


Figura 2: Mapeamento do segundo turno das eleições presidenciais.



Fonte: BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45780864>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em ambos os mapas, a região do Nordeste e o estado do Pará aparecem destacados das demais localidades, sempre indicando uma posição contrária ao candidato Jair Bolsonaro. Em decorrência dessa e de outras relações de força atuantes nas eleições, o território nordestino e seu povo ficaram marcados como a dispersão dentre a maioria dos votos e como menos capazes de escolher um representante. O deslize dessa região à regularidade apresentada pelas outras se marca em nosso exercício analítico pela oposição entre ataque e resistência, que estavam em jogo e partiam de todos os lados.

Dada a posição do Nordeste no pleito presidencial de 2018, é importante pontuar que a qualificação desse local como inferior é precedente ao período em questão. Albuquerque Júnior (2013) afirma que

Embora o discurso da identidade regional opere com a lógica da semelhança, unificando experiências, construindo uma ideia de essência regional, para fazer isso trabalha com uma multiplicidade de elementos, com um conjunto de signos, experiências, práticas e discursos que se tornam parte do todo, que convergem para a criação de uma imagem homogênea do seria característico da região. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 23)

A essência regional nordestina passou a existir, segundo o autor, na década de 1910, quase simultaneamente à criação do próprio Nordeste. De início, ela era utilizada pelas elites locais a fim de criar um efeito de unidade frente à ameaça político-econômica que o Sul ou o Sudeste do país, em particular São Paulo, refletia para elas. Conforme Albuquerque Junior (2013, p. 18), “o nordestino é uma figura que atualiza várias imagens e se diz através de vários enunciados que antes definiam o nortista, o sertanejo, o brejeiro, o praieiro, identidades com que, até então, se definiam os moradores deste espaço”.

Como é observável, os dizeres atribuídos à população desse local são contrastivos à noção estabilizada de urbanidade. Os sentidos em disputa estabelecem entre si relações antagonônicas como o nortista em oposição ao sulista, bem como o sertanejo ao metropolitano, o brejeiro ao urbano, o praieiro ao cidadão que está em constante mobilidade e rapidez. No processo denominado “invenção do Nordeste”, o historiador pontua que o nordestino foi construído a partir do discurso de “homem eternamente injustiçado, pelas outras regiões e pelo governo federal” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 216) – descrição que privilegia discursivizações negativas acerca do espaço nordestino.

Quando questionado a respeito de sua ligação com a geografia e

com o funcionamento de suas técnicas de poder-saber, Foucault (1979, p. 158) afirma que “desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos”. Na esteira do que diz o filósofo, conhecer os discursos que circulam, as relações com ele estabelecidas e as teias de saber que sustentam efeitos de verdade é, também, acessar os desencadeamentos do poder em determinado território.

No âmbito dos estudos regionalistas no Brasil, pensar a formulação discursiva sobre as divisões de terra instaurada implica em desestabilizar, constantemente, as representações difundidas nos mais diversos mecanismos de comunicação. Albuquerque Júnior (2011) pontua que

[...] o que se diz da região não é o reflexo do que se vê na e como “região”. Os dois regimes de enunciação possuem uma independência, as palavras e as coisas são independentes; a região se institui, paulatinamente, por meio de práticas e discursos, imagens e textos que podem ter, ou não, relação entre si, um não representa o outro. A verdade sobre a região é constituída a partir dessa batalha entre o visível e o dizível. O que emerge como visibilidade regional não é representado, mas construído com a ajuda do dizível ou contra ele. Falar e ver são formas diversas de dominar este objeto regional, que podem se dirigir ou não no mesmo sentido. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 59)

Uma das alternativas ao conhecimento baseado na experiência seria, justamente, a desvinculação entre discurso e verdade, já que, como vimos, um não pressupõe o outro. Analisar, portanto, a emergência dos enunciados sobre o Nordeste, antes, durante e após as eleições, é considerar dois pontos principais. O primeiro deles, o qual vem sendo trabalhado ao longo deste artigo, é que a inferiorização de tal local perpassa as relações tramadas no interior de estratégias de poder-saber, que possuem objetivos próprios e táticas bem delimitadas. O segundo é que, estando o território nordestino incluído nas disputas de poder existentes no país, ele não fica inerte e seus habitantes não se alocam apenas na posição de vítimas, uma vez que, conforme Foucault (2004), onde há relações de poder, há resistências.

Além disso, com a ascensão das mídias sociais digitais, as formas resistências foram potencializadas. O indivíduo que antes era discursivizado através das mídias tradicionais, aqui entendidas como as institucionais e as jornalísticas, passou a ser, ele mesmo, o enunciador no espaço tecnológico. Na esteira de Gregolin e Witzel (2016, p. 125), no que corresponde ao uso das redes sociais "o cidadão comum ganha *status* de pro-

tagonista político, podendo, muito rapidamente, integrar esses movimentos (sendo a favor ou contra), usufruindo de certa liberdade de expressão, antes limitada às mídias tradicionais (impressas ou audiovisuais)". É nesse espaço das mídias digitais, então, que os sujeitos não só reivindicam ações que consideram pertinentes, como é o caso do pedido de separação de alguma região do resto do país, quanto expressam seu descontentamento ou contentamento com o governo e divulgam os resultados eleitorais, como veremos em nossa análise.

3. Perspectiva teórico-metodológica

Para o empreendimento analítico, adotamos a *arqueogenologia* de Foucault, que consiste na junção de seus dois métodos de olhar para uma prática discursiva. Nas palavras dele, “enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade”. (FOUCAULT, 1979, p. 172). Trata-se, portanto, de olharmos para a *regularidade* com que, em seu processo de subjetivação, os internautas, alheios à opacidade da linguagem, fazem circular discursos estabilizados sobre o território e sobre as opções eleitorais dos sujeitos.

Assim, montamos um *arquivo*, um “[...] sistema geral da formação e transformação dos enunciados” (FOUCAULT, 2010a, p. 148). Dele, recortamos como *corpus* duas sequências enunciativas, as quais, no âmbito de sua acontecência, são analisadas a partir de suas *regularidades*. Pensadas, também, de acordo com o filósofo francês, o que é *regular*, na dizibilidade das sequências enunciativas selecionadas, configura “uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas”. (FOUCAULT, 2010a, p. 42).

Voltando-nos, especificamente, para o funcionamento das redes sociais, resgatamos as palavras de Dias (2005), quando a autora afirma que o arquivo localizado em rede é fluido, não linear, passível de desconstrução e de alimentação diária. Podemos, então, situar algumas características do conteúdo produzido nessa materialidade, como: a) a autonomia, já que permite o engajamento ou não dos usuários, dependendo das escolhas das configurações de privacidade; b) o deslize, considerando

o que pode existir e, em um instante próximo, ser apagado; c) a replicação, dado que pode ser compartilhado por mais de uma pessoa sem sofrer alterações no enunciado; d) a legitimação, posto que os navegadores conseguem, por meio de um avatar, publicar e terem seus conteúdos compartilhados, seguindo as regras da mesma plataforma de escrita e leitura.

A esfera da legitimação, trabalhada por Silveira (2015), corresponde à inserção do sujeito na mídia. Em sua concepção, os denominados *sujeitos ordinários*

[...] se constituem pela própria existência material de ambientes como o Twitter e de instrumentos tecnodiscursivos como as hashtags, aliados ao domínio de outras técnicas de edição e manipulação de dados, textos e imagens, cuja produção e circulação podem ser vistas, portanto, como gestos de interpretação e, muitas vezes, de transformação de discursos políticos e midiáticos atuais. (SILVEIRA, 2015, p. 104)

Desse modo, vemos que o deslocamento do enunciado e do sujeito para o digital provoca uma reatualização constante de dizeres próprios ou do outro, em função da materialidade fragmentada e mutável do Twitter. Tendo em vista as ferramentas disponibilizadas por essa rede social, adotamos como critério de seleção dos memes a vinculação deles às fotos da *#EleNão* e à palavra-chave “Nordeste”. No que tange ao período de publicação, selecionamos postagens compartilhadas entre os dias 31 de agosto de 2018, data em que foi permitida a propaganda eleitoral gratuita na televisão e na rádio, e 28 de outubro de 2018, dia da realização e finalização do segundo turno das eleições. Além disso, baseados em Xavier (2010, p. 214), sistematizamos os exemplares que absorviam “diferentes aportes sógnicos numa mesma superfície de leitura, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais”.

De posse das condições de possibilidade esboçadas, para o empreendimento de nossa discussão, faz-se necessário demarcar o nosso campo epistemológico de partida. Para Foucault (2016, p. 210),

[...] caso se interrogue o discurso em sua existência, não em sua função de documento, e sim em sua existência de monumento (no fato de ele existir, no fato de ter sido efetivamente pronunciado), caso se indague sobre o real do discurso, então não é possível limitar-se a afirmar que são as coisas que foram ditas que podem explicar o fato de terem sido efetivamente ditas. Precisamos parar nesse real do discurso, precisamos nos debater com ele, afastando o postulado [segundo o qual] a função do discurso é representar o real. (FOUCAULT, 2016, p. 210)

Considerando o exposto, deve-se debater com o discurso para analisar algum acontecimento, em outras palavras, é preciso desestabilizar os

efeitos de verdade que ele possibilita e do qual é alvo. A verdade, conforme Foucault (1979, p. 197), nunca está contida no discurso, pois “o jogo da verdade é sempre [...] um acontecimento histórico singular, em última análise um acontecimento improvável com relação àquilo que fala. E é precisamente esse acontecimento singular, no qual consiste a emergência de um jogo de verdade, que é preciso tentar reconstituir”. Em tempos de ataques às minorias e de uma crescente tensão interterritorial no país, tanto internamente, quanto com outros povos, *múltiplas correlações de força* (FOUCAULT, 1979) possibilitam a circulação e mobilização de manifestações que fogem do ato de força essencialmente repressivo.

Para a análise e o desenvolvimento de nossa proposta, compreendemos o meme como forma linguística de expressão que, em seu caráter discursivo, é produtor de efeitos de sentido diversos. Partindo das origens do termo, o meme, palavra derivada do grego *mimeme*, foi utilizado de forma bastante particular dentro das ciências biológicas, como referente ao gene e à sua característica replicadora ou multiplicadora no corpo humano. Posteriormente, segundo Horta (2015), o meme passa a referir-se a toda atitude ou ação de copiar, replicar o outro, este que pode vir a ser uma pessoa, uma ideia, uma música ou uma arte.

Atrelado às considerações acerca da etimologia *meme*, pensamos a relação entre meme e humor, tomando por base que “as piadas funcionam, no que diz respeito à estereotipia, baseando-se em um traço que é assumido por uma pessoa ou um grupo (o estereótipo básico) para veicular o seu oposto mais rebaixado possível (o estereótipo oposto ou simulacro)” (ÁVILA; BARONAS, 2015, p. 95).

Assim, ao construir uma piada, por meio do meme, o usuário da rede baseia sua formulação em características ruins do sujeito ou objeto mirado, ou, ainda, faz uso de características reais e verdadeiras de um sujeito, transformando-as em seu oposto mais vergonhoso possível, mostrando uma outra face daquele, a qual pode significar a maldade, a ridicularização e a ofensa.

Tratando o meme como forma linguística de expressão, voltamos também o nosso olhar para o tipo de linguagem com a qual nos deparamos neste trabalho. Assim como os mais diversos tipos de discursividades que constituem a nossa vivência em sociedade, o meme existe e se caracteriza neste meio comunicativo, dentro de uma ou várias plataformas e com características próprias. Ou seja, o meme pode ser classifica-

do, aqui, como um meio de comunicação visto, acessado e lido, na maioria das vezes, em plataformas digitais (em redes sociais, celulares, computadores, sites de comunicação, entre outros). Enquanto forma hipertextual, ele é caracterizado por Xavier (2010) como uma forma híbrida, a qual faz uso de diferentes tipos de linguagens e interfaces semióticas ou pluritextuais, esta última entendida pelo autor como

Peculiaridade do hipertexto intrinsecamente ligada à anterior é a pluritextualidade, denominada por alguns autores também de multissemiose. A pluritextualidade é novidade fascinante do hipertexto por viabilizar a absorção de diferentes aportes sógnicos numa mesma superfície de leitura, tais como palavras, ícones animados. (XAVIER (2010, p. 214)

Acreditamos, então, na utilização e na presença dessa pluritextualidade quando reconhecemos a mistura que os indivíduos fazem entre imagens, cores e palavras na sua construção, além de sempre pensarem em algo, como base para o seu discurso, como acontecimentos, afirmações. Nos casos que serão aqui apresentados, o foco para a formulação dos memes são as pessoas que compõem a região Nordeste do Brasil e o presidente Jair Bolsonaro, na época, apenas candidato à Presidência da República.

4. Gesto de interpretação: análise dos memes

Para o nosso gesto de interpretação, consideramos a caracterização de enunciado sobre a procedência regional, a sua existência na ordem do digital e as vias de leitura do discurso em sua materialidade imagética. Por *enunciado*, recuperamos a definição de Foucault (2010a), devido à sua importância no que diz respeito à leitura de nosso *corpus*. Para ele:

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (FOUCAULT, 2010a, p. 31-32)

Cientes da multiplicidade de interpretações de um enunciado e de sua ligação estreita com o domínio da memória, atentamo-nos às condições de possibilidade dos discursos voltados à procedência regional, posto que eles encontraram um terreno fecundo para a sua disseminação nas redes sociais durante as eleições presidenciais de 2018. No percurso deste artigo, abordamos sua discursivização por meio do meme no espaço digital, bem como as implicações da identidade territorial para um dos eixos das relações de poder existentes no Brasil. Além disso, associando as duas discussões, observamos a potencialidade do meme enquanto uma ferramenta discursiva de resistência, sobretudo no enfrentamento de posições políticas divergentes da assumida pelo internauta, como é possível verificar na Sequência Enunciativa 1, a seguir:

Figura 3: Sequência Enunciativa 1.



Fonte: Arquivo próprio.

Na legenda do *meme*, o sujeito afirma que “os eleitores correram para votar assim que os portões da sessão foi aberta” (SIC). Nesse primeiro trecho, o enunciado desliza pelas vias da pressa, do imediatismo, da ansiedade por um resultado compatível com o esperado. Além disso, mobiliza o sentido de fuga, de quem corre de um perigo iminente, como se alcançar a urna e a comprovação do voto se transformasse em um prêmio e um refúgio.

A imagem utilizada na mesma publicação (figura 2) apresenta pessoas correndo e os dizeres “eleitores de Salvador correndo para salvar a democracia”. No período analisado, a palavra “Salvador” acionava um polo de identificação mais delimitado em relação a qual ponto do Nordeste esse internauta está se referindo e de quais eleitores está falando. Isso significa que ele descrevia ações que se passaram na cidade de Salvador, pertencente ao estado da Bahia, local em que os habitantes foram

os responsáveis pela corrida a favor da manutenção da democracia.

O desencadeamento sintático adotado desloca os sentidos do enunciado, posto que a palavra “Salvador” pode ser interpretada como vocativo, designando a algum candidato a posição de herói, ou aposto, situando espacialmente o referente “Brotas”, reescritos de modo a desfazer a ambiguidade, respectivamente, como: a) “Salvador, em Brotas os eleitores correram para votar assim que os portões da sessão foi aberta” e b) “Em Brotas, na cidade de Salvador, os eleitores correram para votar assim que os portões da sessão foi aberta”.

A palavra “Salvador” adquire um papel de destaque em nossas análises devido às suas múltiplas possibilidades no âmbito da historicidade do pleito presidencial. Pelo processo linguístico de composição por aglutinação das palavras “Salva” e “Dor”, vemos que é atribuída, aos votantes do Nordeste, a posição de quem se salva ou salva os demais brasileiros de situações dolorosas, sem mencionar se era Bolsonaro ou Haddad quem afligiria a dor, pois o nome de nenhum dos candidatos aparece no tuíte.

Ainda, se recuperarmos “Salvador”, na função de vocativo, deparamos com o confronto instaurado entre os dois candidatos. De um lado, o direitista Jair Messias Bolsonaro que, em função de seu segundo nome, dos compromissos que firmava com os eleitores cristãos e de seu slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, movimentava em sua campanha memórias bíblicas do retorno de Jesus, tal como a passagem de Hebreus, capítulo 9, versículo 28, que apresenta “assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação”.

O processo compreendido entre a interrupção do mandato de Dilma Rousseff, o encarceramento de Luiz Inácio Lula da Silva¹⁵¹ e a posse de Jair Bolsonaro, alimentou as falas de demonização do Partido dos Trabalhadores como uma entidade que destruiu o país. Santos (2019) pontua que

O principal argumento adotado pelos defensores de Bolsonaro consistiu, de um lado, na retomada da ideia de corrupção como fenômeno intrín-

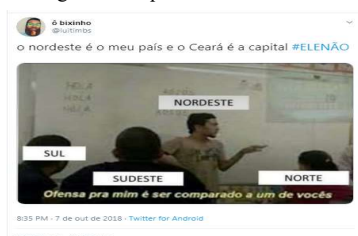
¹⁵¹ Luiz Inácio Lula da Silva foi presidente do Brasil de 2003 a 2010 e *antecessor de Dilma Rousseff. Seria candidato à presidência no ano de 2018 se não houvesse sido condenado pela chamada “Operação Lava-Jato”, investigação da Polícia Federal brasileira responsável por apurar denúncias de esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro.*

seco ao governo do PT, dada a condenação de Lula, e, de outro, na adesão a um discurso dito familiar e religioso, assentado, principalmente, em algo próprio à dita era da pós-verdade: a circulação de Fake News. (SANTOS, 2019, p. 428)

Por outro lado, o esquerdista Fernando Haddad alimentava uma espécie de contra-discurso às propostas e falas de campanha de Bolsonaro, por ser contra boa parte do que configurou a pauta da campanha do PSL: a exemplo da flexibilização do porte de armas, do constante enaltecimento da ditadura militar e da quebra com as memórias do “politicamente correto”. Assim, também, o petista adquire o estatuto de “salvador”, ao tentar romper com os ditos de violência que seu adversário propagava.

Na Sequência Enunciativa 2, e última de nossas análises, a inserção das demais regiões do país e o contraste do Nordeste com elas se faz mais presente:

Figura 4: Sequência Enunciativa 2.



Fonte: Arquivo próprio.

O meme presente na figura 4 é legendado com “ofensa pra mim é ser comparado a um de vocês” e, nele, cada pessoa representada fotograficamente figura como originário de uma região do Brasil, exceto o Centro-Oeste, sendo que a enunciação partiria do sujeito que representa o Nordeste. No vídeo que deu origem ao meme, um acadêmico homossexual coloca-se na frente das pessoas que dividem turma com ele e afirma que não se ofende com sua orientação sexual, mas que teria vergonha de ser tão homofóbico quanto seus colegas.

Na imagem, ocorre o apagamento do Centro-Oeste, local que abriga, inclusive, a capital do país. A região é voltada à agropecuária, sistema que reverte a sua produção, muitas vezes, para o exterior. Quando nos confrontamos com a inferiorização do Nordeste e do Norte, é sempre pelas condições sociais e naturais do primeiro e pelo espaço de exploração de recursos naturais e a concentração de povos indígenas, no segun-

do. O Sul, apesar de não se destacar economicamente tanto quanto o Sudeste, abriga a população mais próxima possível dos ideais europeus cultivados dentro do país e votou expressivamente em Bolsonaro – fator que merece destaque. O Sudeste, por sua vez, atrai os olhares do país devido às suas formas organizacionais, como um exemplo de progresso a ser seguido. Então, embora também tenha destinado seus votos ao candidato do PSL, a presença do Centro-Oeste é menos forte que os choques entre o Norte e o Nordeste *versus* o Sul e o Sudeste.

A releitura dessa cena, no contexto analisado, implica em um distanciamento do Nordeste e do povo nordestino da posição de adesão à Bolsonaro assumida pela maior parte dos eleitores do Sul, do Sudeste e do Norte do país. A publicação foi produzida no dia da realização do primeiro turno, mas passou a circular no Twitter após a divulgação do resultado, em que Bolsonaro obteve mais votos válidos. Problematizar os efeitos de sentido da postagem é recuperar ditos e escritos de inferiorização à região Nordeste, os quais perpassam todo um campo sócio-histórico de uma região que foi inventada, segundo Albuquerque Júnior (2013), com base na ideia da seca e da crise.

Associados a programas institucionais como o “bolsa-família”, ao clima semiárido e à vegetação de Caatinga, vemos que os sujeitos nordestinos são discursivizados como inferiores perante as demais regiões do país, e, conseqüentemente, como menos aptos a escolherem um representante. É tocante, também, à questão territorial, a associação do Nordeste à pobreza e à dependência de auxílios governamentais, fator que, de acordo com Bolsonaro¹⁵², inclinaria o voto de tal população ao candidato petista.

Ao publicar que o Nordeste se sente ofendido ao ser comparado com as demais regiões, o tuíteiro reafirma a validade da identidade nordestina e critica o posicionamento do resto do país em face às propostas do candidato para o qual designaram seu voto. Através da metáfora que associa o vídeo àquelas regiões do Brasil, observamos que o posicionamento dos acusadores que retratam as demais localidades do país, na representação imagética da figura 2, é inferior ao do Nordeste, o qual se encontra na posição de defesa frente aos ataques voltados ao seu deslize

¹⁵² Como é possível ver em trechos presentes na matéria disponível em: <https://brasil.eipais.com/brasil/2018/10/16/politica/1539698408_327568.html>. Acesso em: 10 nov. 2019.

na regularidade dos votos. Por fim, ao resgatar o estado do Ceará, além de marcar geograficamente um local que passaria a assumir a função de país, o internauta ainda confirma as escolhas desse estado que, no primeiro turno, votou majoritariamente em Ciro Gomes, desviando-se do PT e do PSL, na dispersão dos demais movimentos discutidos aqui.

5. Conclusão

Problematizamos, neste texto, as implicações da identidade regional no interior das relações de poder no Brasil. Como um dos meios de discursivização, selecionamos o meme, por ter se mostrado uma regularidade dentre as publicações da *#EleNão*, criada como um espaço de manifestações contrárias ao até então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Voltamos nosso olhar, especificamente, ao Nordeste, local marcado nas urnas e nos mapas eleitorais como a única região que destinou a maioria de seus votos a Fernando Haddad. A fuga ao resultado apresentado pelas demais localidades propiciou as condições de possibilidade para os ataques a esse território no ambiente digital.

Pensando o evento discursivo analisado, bem como seus efeitos de sentido e os gestos de interpretação promovidos em nossa análise, podemos observar, como regularidades presentes nos memes que constituíram o nosso *corpus*, o efeito de unidade do Nordeste frente às demais regiões, os embates políticos intensificados pela relação com o território e a ressignificação de eventos discursivos imagéticos como um instrumento de reafirmação identitária.

Na possibilidade de técnica de resistência, o meme assumiu, nas publicações analisadas, uma forma de legitimação dos discursos dos nordestinos, de sua existência e de suas opções eleitorais. No rol dos efeitos de sentido mobilizados pelas manifestações dos internautas, os resultados mostram o meme enquanto uma ferramenta discursiva que fortalece a heterogeneidade política e identitária existente no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ÀVILA, F. G. de O.; BARONAS, R. L. Teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos: a piada levada a sério. In: BARONAS, R.L. *Estudos discursivos à brasileira*: uma introdução. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 95-118

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920 - 1940)*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

Bíblia *on-line*. Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/acf/hb/9/28>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

Contabilização dos votos TSE. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>>. Acesso em: 20 out. 2019.

COURTINE, J. J. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Tradução de Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

DIAS, C. P. Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à sede de sentidos. In: GUIMARÃES, E.; PAULA, M.R. de (Orgs). *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005, p. 41-56.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. Trad. de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

_____. *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade*. Trad. de Wanderson Flor do Nascimento. Verve. V. 5, p. 260-77, 2004.

GREGOLIN, M. R.; WITZEL, D. G. Análise do discurso verbo-visual do Facebook. In: ABREU, A. S; SPERANÇA-CRISCUELO (Orgs). *Ensino de português e linguística: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 119-34

HORTA, N. B. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Pro-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

grama de Pós-graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MENDES, A. P. S.; SANTOS, E. M. Interpretações em Libras no YouTube: produção, circulação e efeitos de sentido. In: FLORES, G. G. B. *et al* (Orgs.). *Discurso, cultura e mídia: pesquisas em rede*. V. 3, Santiago: Ed. Oliveira Books, 2019. p. 422-36

RUBIM, A. A. C. Espetacularização e midiaticização da política. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004. p. 181-221

SAKAMOTO, L. *O que eu aprendi sendo xingado na internet*. São Paulo: LeYa, 2016.

SANTOS, E. de M. *O efeito de copresença Lula-Dilma no discurso político-midiático: uma leitura das eleições presidenciais de 2010*. 220f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

_____. Efeitos discursivos e a escrita da história política no Brasil de 2018. In: FLORES, G. G. B. *et al* (Orgs.). *Discurso, cultura e mídia: pesquisas em rede*. V. 3. Santiago: Ed. Oliveira Books, 2019. p. 422-36

SARGENTINI, V. O discurso político sob a ordem discursiva das redes sociais. In: _____. *Mutações do discurso político no Brasil: espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017. p. 159-173

SILVEIRA, J. *Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. 200f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: XAVIER, A. C; MARCUSCHI, L. A. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-21